

LIÇÃO 12 - O Movimento

Pertence à Quantidade, Qualidade e Lugar

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 12: 1068a 8-1068b 25

“ 1012. Se as categorias são divididas em substância, qualidade, lugar, ação, paixão, relação e quantidade, deve haver três tipos de movimento, a saber, de qualidade, de quantidade e de lugar.

1013. Não há movimento da substância, porque a substância não tem contrário.

1014. Tampouco há movimento da relação; pois é possível que, quando um dos dois termos relativos sofre uma mudança, o outro possa ser referido verdadeiramente sob um novo termo, mesmo que não tenha sido mudado de modo algum. Logo, o movimento desses termos relativos será accidental.

1015. Tampouco há movimento do agente ou do paciente como do movente e da coisa movida, porque não há movimento do movimento ou geração da geração. Há duas maneiras pelas quais poderia haver movimento do movimento. Primeiro, o movimento poderia ser do sujeito movido, assim como um homem é movido porque é mudado de branco para preto. Assim, o movimento poderia ser aquecido ou resfriado, ou poderia mudar de lugar, ou poderia aumentar. Mas isso é impossível, pois a mudança não é um sujeito. Ou, segundo, algum outro sujeito poderia ser mudado de mudança para alguma outra forma de ser, assim como um homem poderia ser mudado de doença para saúde. Mas isso só é possível acidentalmente; pois todo movimento é uma mudança de uma coisa para outra. O mesmo se aplica à geração e à destruição; embora os opostos envolvidos nessas mudanças sejam diferentes daqueles do movimento. Portanto, um homem muda ao mesmo tempo de saúde para doença, e dessa própria mudança para outra. E é evidente que, se um homem ficou doente, ele será mudado para outra coisa, seja ela qual for (pois ele pode chegar ao repouso); e, além disso, isso será sempre para algum oposto que não é contingente; e essa mudança será de algo para algo outro. Portanto, seu oposto será tornar-se saudável; mas isso ocorrerá acidentalmente; por exemplo,

há uma mudança da lembrança para o esquecimento, porque o sujeito ao qual pertence o esquecimento é mudado, ora para um estado de conhecimento, ora para um de ignorância.

1016. Além disso, o processo prosseguirá ao infinito se houver mudança da mudança e geração da geração. Portanto, se esta última vem a ser, a primeira também deve; por exemplo, se a geração em sentido absoluto, em algum momento, estava vindo a ser, aquilo que está vindo a ser algo também estava vindo a ser. Portanto, aquilo que estava vindo a ser em sentido absoluto ainda não existia, mas havia algo que estava vindo a ser, ou que já veio a ser. Portanto, se isso também, em algum momento, estava vindo a ser, então naquele momento não estava vindo a ser algo. No entanto, como não há primeiro termo nas coisas infinitas, também não haverá um subsequente. Portanto, é impossível que algo venha a ser, seja movido ou seja mudado de qualquer maneira.

1017. Além disso, da mesma coisa da qual há movimento e repouso contrários, há também geração e destruição. Portanto, quando aquilo que está vindo a ser se torna aquilo que está vindo a ser, então está sendo destruído; pois não é destruído assim que é gerado ou depois; pois aquilo que está sendo destruído deve existir.

1018. Além disso, deve haver alguma matéria subjacente à coisa que está vindo a ser ou sendo mudada. O que será, então, que se torna movimento ou geração, da mesma forma que um corpo ou uma alma ou algo desse tipo é alterável? Além disso, qual é a coisa para a qual o movimento prossegue; pois o movimento deve ser desta coisa particular, disto para aquilo, e, no entanto, este último não deveria ser de modo algum um movimento. De que maneira, então, isso pode ocorrer? Pois não pode haver aprendizado do aprendizado e, portanto, nenhuma geração da geração (1008-9).

1019. E uma vez que não há movimento de substância, nem de relação, nem de ação ou paixão, segue-se que há movimento de qualidade, de quantidade e de localização; pois cada um destes admite contrariedade. Por qualidade, refiro-me não àquela que cai sob a categoria de substância (pois mesmo a diferença é qualidade), mas ao poder passivo em virtude do qual se diz que uma coisa é afetada ou é incapaz de ser afetada.

1020. O imóvel é o que é totalmente incapaz de ser movido, ou o que é movido com dificuldade por um longo período de tempo ou começa a ser movido lentamente, ou o que é naturalmente apto a ser movido, mas não é capaz de ser movido quando está nessa condição, nem no lugar nem da maneira pela qual seria naturalmente movido. E este é o único tipo de imobilidade que chamo de repouso; pois o repouso é contrário ao movimento. Portanto, será a privação daquilo que é receptivo ao movimento.

COMENTÁRIO

2376. Tendo dividido a mudança em geração, destruição e movimento, aqui ele subdivide o outro membro dessa divisão, isto é, o movimento, com base nas categorias em que ocorre. A respeito disso, faz duas coisas. Primeiro (1012:C 2376), indica as categorias nas quais o movimento pode ser encontrado. Segundo (1020:C 2401), explica os diferentes sentidos em que o termo imóvel é usado (“O imóvel”).

Quanto ao primeiro, faz três coisas. Primeiro, apresenta sua tese. Segundo (1013:C 2378), prova isso (“Não há movimento”). Terceiro (1019:C 2399), tira sua conclusão principal (“E uma vez que”).

Ele diz, portanto, primeiro (1012), que, uma vez que as categorias são divididas em substância, qualidade e assim por diante, e como não pode haver movimento nas outras categorias, existem, portanto, três categorias de ser nas quais o movimento pode ser encontrado; ou seja, qualidade, quantidade e localização, para as quais ele substitui o termo lugar, porque localização significa simplesmente estar em um lugar; e ser movido em relação ao lugar é simplesmente ser movido em relação à própria localização. Pois o movimento em relação ao lugar não é atribuído a um sujeito no qual o lugar inere, mas à coisa no lugar.

2377. Deve-se notar agora que ele parece omitir três categorias, a saber, situação temporal (*quando*), postura e vestimenta; pois, como situação temporal significa estar no tempo, e o tempo é a medida do movimento, a razão pela qual não há movimento na categoria de situação temporal ou na de ação e paixão, que significam o próprio movimento sob aspectos especiais, é a mesma. E a postura nada acrescenta à localização, exceto uma disposição definida das partes, que nada mais é do que uma relação definida das partes entre si. E a vestimenta implica a relação de alguém vestido com sua roupa. Portanto, a razão pela qual não parece haver movimento em relação à postura, à vestimenta e à relação parece ser a mesma.

2378. Não há movimento (1013).

Em seguida, ele prova sua tese; e a respeito disso faz três coisas. Primeiro (1013:C 2378), mostra que não há movimento em relação à substância; segundo (1014:C 2385), que não há movimento em relação à relação (“Tampouco há movimento”); e terceiro (1015:C 2386), que não há movimento em relação à ação e à paixão (“Tampouco há movimento do agente”).

Ele prova, portanto, primeiro (1013), que não pode haver movimento em relação à substância porque o movimento é uma mudança de sujeito para sujeito. Portanto, os dois sujeitos entre os quais há movimento são ou contrários ou intermediários. Portanto, como nada é contrário à substância, segue-se que não pode haver movimento em relação à substância, mas apenas geração e destruição, cujos limites se opõem um ao outro como contraditórios e não como contrários, como foi dito acima (1009:C 2366).

2379. Agora parece que sua afirmação de que “a substância não tem contrário” é falsa, porque o fogo parece claramente contrário à água, e porque Aristóteles provou no Livro I de *O Céu* que os céus não são destrutíveis, pois não têm um contrário, enquanto outros corpos, que são corruptíveis, têm um contrário.

2380. Por isso alguns disseram que não há nada contrário a toda substância composta, pois o sujeito dos contrários deve ser um; mas nada impede que uma forma substancial tenha um contrário. Pois eles disseram que o calor é a forma substancial do fogo. Mas isso não pode ser verdade, porque as formas substanciais não são perceptíveis por si mesmas. E, além disso, é evidente que, em outros corpos, o calor e o frio são acidentes. Ora, o que pertence à categoria de substância não pode ser acidente em nada.

2381. Outros disseram que o calor e o frio não são as formas substanciais do fogo e da água, mas que suas formas substanciais são contrários que diferem em grau e são, por assim dizer, intermediários entre substância e acidentes. Mas isso é totalmente irrazoável; pois, sendo a forma o princípio da espécie, se as formas do fogo e da água não são verdadeiramente substanciais, também o fogo e a água não são verdadeiras espécies na categoria de substância. É impossível, então, que haja um intermediário entre substância e acidentes, porque pertencem a categorias diferentes, e entre tais coisas não cai um intermediário, como foi mostrado acima no Livro X (881:C 2102); e também porque as definições de substância e acidente não têm intermediário. Pois uma substância é um ser por si, enquanto um acidente não é um ser por si, mas tem ser em outra coisa.

2382. É necessário, então, dizer que as formas substanciais não podem ser contrárias, porque os contrários são extremos de uma certa distância definida e, de certo modo, são contínuos, já que o movimento é de um contrário a outro. Naquelas categorias, então, em que não se encontra tal distância contínua e definida, é impossível encontrar um contrário, como é claro no caso dos números. Pois a distância entre um número e outro não significa continuidade, mas adição de unidades. Daí um número não ser contrário a outro número, nem, similarmente, uma figura ser contrária a outra figura.

2383. O mesmo se aplica às substâncias, porque a estrutura inteligível de cada espécie consiste numa unidade definida. Mas, como a forma é a base da diferença, se as formas substanciais não são contrárias entre si, segue-se que a contrariedade não pode ser encontrada entre as diferenças.

2384. É necessário dizer, então, que uma forma substancial, considerada em si mesma, constitui uma espécie na categoria de substância; mas, na medida em que uma forma implica a privação de outra, formas diferentes são os princípios de diferenças contrárias. Pois, em um aspecto, uma privação é um contrário, e vivente e não vivente, racional e irracional, e coisas semelhantes, opõem-se dessa maneira.

2385. Tampouco há movimento da relação (1014).

Em seguida, mostra que não há movimento no sentido próprio na categoria de relação, exceto acidentalmente. Pois, assim como uma coisa é movida acidentalmente quando o movimento ocorre nela apenas como resultado de outra coisa ser movida, de modo semelhante, o movimento é dito acidental a uma coisa quando ocorre nela apenas porque outra coisa é movida. Ora, encontramos isso na categoria de relação; pois, a menos que algo mais seja mudado, não é verdadeiro dizer que ocorre mudança na relação; por exemplo, o desigual vem do igual apenas quando houve mudança na quantidade. Similarmente, o semelhante vem do dessemelhante apenas quando houve mudança na qualidade. Assim, vemos que uma das duas coisas relativas é dita ser mudada quando a mudança afeta a outra delas; por exemplo, uma coisa que é imóvel por si mesma muda da

esquerda para a direita quando alguma outra coisa muda de lugar. Portanto, segue-se que há movimento na categoria de relação apenas acidentalmente.

2386. Tampouco há movimento do agente (1015).

Aqui, mostra que o movimento não ocorre com respeito à ação ou à paixão. Ele prova isso por quatro argumentos, dos quais o primeiro é o seguinte: ação e paixão constituem o movimento e o designam. Se, então, o movimento ocorresse na ação e na paixão, seguir-se-ia que haveria movimento do movimento e geração da geração e mudança da mudança. Mas isso é impossível. Portanto, é também impossível que haja movimento na ação e na paixão. Que é impossível para o movimento ser movido, ele prova assim: há duas maneiras pelas quais poderia haver movimento do movimento: primeiro, poderia haver movimento do movimento como de um sujeito que é movido, ou, segundo, como do limite do movimento. E o movimento poderia ser o sujeito do movimento, como dizemos que há movimento de um homem porque um homem é movido, já que é mudado de branco para preto. De modo semelhante, o movimento seria movido, e seria aquecido ou resfriado, ou mudado com respeito ao lugar, ou aumentado. Mas isso é impossível; porque o movimento não pode ser o sujeito do calor ou do frio ou de atributos semelhantes. Segue-se, então, que não pode haver movimento do movimento se o movimento é considerado como um sujeito.

2387. Mas tampouco pode haver movimento do movimento como de um limite, sendo algum outro sujeito mudado de uma espécie de mudança para outra, como um homem poderia ser mudado de doença para saúde; pois isso é possível apenas acidentalmente.

2388. Portanto, mostra em seguida que é impossível para o movimento ser movido essencialmente porque todo movimento é uma mudança de uma coisa para outra. Similarmente, a geração e a destruição são uma mudança de uma coisa para outra, mesmo que, em seus casos, os limites da mudança não se oponham entre si como o fazem no caso do movimento, como foi dito acima (1008:C 2363). Se, então, há mudança de uma mudança para outra, como de adoecer para algum outro processo de mudança, seguir-se-á que, enquanto uma coisa está sendo mudada de saúde para doença, está sendo mudada ao mesmo tempo dessa mudança para outra; porque, enquanto um dos limites de uma mudança está surgindo, ocorre uma mudança de um limite para outro. Assim, se dois processos de mudança são os limites de uma mudança, segue-se que, enquanto a mudança original está ocorrendo, uma mudança para outra ocorre. E assim, ao mesmo tempo em que uma coisa está sendo movida da saúde para a doença, será mudada de tornar-se saudável para alguma outra mudança.

2389. Mas isso parece ser verdadeiro apenas na medida em que uma mudança sucede a outra. E é possível que qualquer outra mudança suceda esta pela qual algo está sendo movido da saúde para a doença, por exemplo, tornar-se branco ou tornar-se preto ou mudança de lugar ou qualquer outra mudança. Portanto, é evidente que, se alguém está adoecendo porque está sendo movido da saúde para a doença, pode ser mudado desta mudança para qualquer outra. Nem isso é surpreendente, porque pode até ser mudado desta mudança para um estado de repouso; pois é possível que alguém venha a repousar após esta mudança.

2390. Mas, como toda mudança é "sempre para um oposto que não é contingente", i.e., um oposto que não pode ser verdadeiro ao mesmo tempo que o termo oposto, segue-se que, se há uma mudança de mudança para mudança, será sempre para uma mudança oposta, que ele chama de não contingente. E essa mudança na qual a transição ocorre terá que ser de uma coisa para outra. Portanto, a transição de uma mudança de adoecer será apenas para a mudança oposta, que é chamada de tornar-se saudável.

2391. E assim, duas posições contrárias parecem seguir-se, a saber, que uma mudança oposta passa de uma mudança para qualquer outra, e apenas para sua oposta. E disso segue-se ainda que, ao mesmo tempo em que algo está sendo mudado para um de seus opostos, também está sendo mudado para uma mudança como se fosse outro oposto. Isso parece ser impossível, pois seguir-se-ia que a natureza inclina para efeitos opostos ao mesmo tempo. Portanto, não pode ser que algo seja mudado essencialmente de uma mudança para outra.

2392. Mas isso pode acontecer acidentalmente; por exemplo, uma pessoa pode mudar de recordação para esquecimento porque o sujeito é mudado, ora em relação a um extremo, ora em relação a outro — não que seja intenção do movedor que, ao mesmo tempo em que está sendo mudado para um extremo, esteja ao mesmo tempo pretendendo mover-se para o outro.

2393. Além disso, o processo (1016).

Em seguida, ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: se há mudança da mudança, como limite do limite, ou geração da geração, uma mudança deve ser alcançada apenas por outra mudança, assim como uma qualidade é alcançada apenas por uma alteração precedente; e, desse modo, será possível alcançar aquela mudança precedente apenas por uma mudança anterior, e assim por diante, ao infinito.

2394. Mas isso não pode ser o caso, porque, se for assumido que há um número infinito de mudanças relacionadas de tal maneira que uma leva à outra, a precedente deve existir para que a seguinte exista. Suponhamos que haja uma instância particular da geração de uma geração em sentido absoluto, que é a geração da substância. Então, se a geração em sentido absoluto às vezes vem a ser, e, novamente, se o próprio vir a ser da geração em sentido absoluto, em algum momento, veio a ser, seguir-se-á que aquilo que está vindo a ser em sentido absoluto ainda não existia, mas havia geração em um aspecto, ou seja, a própria geração do processo de geração. E se essa geração também veio a ser em algum momento, uma vez que não é possível ter nem um regresso infinito nem qualquer termo primeiro entre coisas infinitas, é impossível chegar a qualquer primeiro processo de geração. Mas se o membro precedente em uma série não existe, não haverá membro sucessor, como foi apontado acima, e a consequência será que "não haverá um subsequente", isto é, um que o siga. Segue-se, então, que nada pode vir a ser, ser movido ou ser mudado. Mas isso é impossível. Portanto, mudança da mudança é impossível.

2395. Além disso, da mesma coisa (1017)

Em seguida, ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte. Movimentos contrários, e repouso e movimento, e geração e destruição, pertencem ao mesmo sujeito, porque os opostos são, por natureza, adequados para surgir no mesmo sujeito. Portanto, se algum sujeito está sendo

mudado da geração para a destruição, ao mesmo tempo em que está sendo gerado, ele sofrerá uma mudança que leva à destruição, que é ser mudado para o não-ser; pois o termo da destruição é o não-ser. Ora, o que está sendo mudado para o não-ser está sendo destruído. Daí segue-se que uma coisa está sendo destruída ao mesmo tempo em que está sendo gerada.

2396. Mas isso não pode ser verdade; pois enquanto uma coisa está vindo a ser, ela não está sendo destruída, nem é corrompida imediatamente depois. Pois, como a destruição é um processo do ser para o não-ser, aquilo que está sendo destruído deve ser. E, assim, terá que haver um estado intermediário de repouso entre a geração, que é uma mudança para o ser, e a destruição, que é uma mudança para o não-ser. Portanto, não há mudança da geração para a destruição.

2397. Além disso, deve haver (1018).

Em seguida, ele apresenta o quarto argumento, que é o seguinte. Em tudo que está sendo gerado, duas coisas devem estar presentes: primeiro, a matéria da coisa que é gerada e, segundo, aquilo em que a geração é terminada. Se, então, há geração da geração, tanto a geração quanto o movimento terão que ter alguma matéria, como um corpo alterável ou uma alma ou algo desse tipo. Mas é impossível atribuir matéria desse tipo à geração e ao movimento.

2398. Da mesma forma, também deve haver algo em que o processo de mudança seja terminado, porque alguma parte, a saber, a matéria da coisa gerada, deve ser movida de um atributo a outro, e aquilo em que o movimento é terminado não pode ser movimento, mas é o termo do movimento. Pois, para o tipo de mudança que chamamos aprendizado, não há algum outro aprendizado que seja terminado nele, que seja um aprendizado do aprendizado. Portanto, não há nada a concluir senão que não há geração da geração.

2399. E, uma vez que (1019).

Aqui ele tira como conclusão sua tese principal. Ele diz que, uma vez que não pode haver movimento nem na categoria de substância, nem na de relação, nem na de ação e paixão, segue-se que o movimento pertence à qualidade, à quantidade e ao lugar; pois nessas categorias pode haver contrariedade, que está entre os termos do movimento, como foi apontado.

2400. Mas, como qualidade às vezes é usada para significar forma substancial, ele acrescenta que, quando se diz que há movimento na qualidade, não se entende que isso signifique substância, tendo em vista que a diferença substancial é predicada como algo qualitativo; mas refere-se ao tipo de qualidade pela qual algo é dito ser afetado ou ser incapaz disso. Pois há alteração, propriamente falando, apenas em termos de qualidades suscetíveis, como é provado no Livro VII da *Física*.

2401. O imóvel (1020).

Em seguida, ele explica os diferentes sentidos em que o termo *imóvel* é usado; e apresenta três deles. Primeiro, imóvel significa o que é completamente incapaz de ser movido; por exemplo, Deus é imóvel.

2402. Segundo, significa o que pode ser movido com dificuldade, como uma enorme rocha.

2403. Terceiro, significa aquilo que por natureza é apto a ser movido, mas não pode ser movido quando é apto, nem onde, nem do modo como é apto a ser movido. E apenas este tipo de imobilidade é propriamente chamada de *repouso*, porque o repouso é contrário ao movimento. Portanto, o repouso deve ser a privação do movimento naquilo que é suscetível de movimento.

Revision #2

Created 19 September 2026 00:29:16 by Admin

Updated 19 September 2026 00:37:40 by Admin